

## A REPRESENTAÇÃO DO ERÓTICO E DA SEXUALIDADE NO STAR SYSTEM

*Representation of Eroticism and Sexuality at the Star System*

CABRAL, Gabriela Soares; mestrandia; PPGACL/UFJF,  
gabriela.soarescabral@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Analisa-se como o erotismo está representado no *star system* norte-americano através da indumentária. Assim, é necessário contextualizar o estrelismo e entender os conceitos de sexo, gênero e sexualidade previstos por Joanne Entwistle e Jennifer Craik e sua relação com as roupas e objetos para a compreensão de como as mulheres eram sexualizadas por Hollywood e seu sistema de estrelas.

Palavras Chave: erotismo; *star system*; sexualidade

**Abstract:** *The purpose is to analyze how eroticism is represented in the north-american star system through clothing . For this it is necessary to contextualize the stardom and understand the concept of sex, gender and sexuality provided by Joanne Entwistle and Jennifer Craik, and its relationship with the clothes and objects to understand how women were sexualized by the cinema and the star system.*

*Key words: eroticism, star system, sexuality*

### Introdução

Desde o início do século XX, o cinema norte-americano já mostrava a sua força. O seu domínio, a nível mundial, constituiu-se, de fato, após a Primeira Guerra Mundial, quando os países europeus se encontravam devastados pelo conflito. Os Estados Unidos estavam fora dos campos de batalha e, portanto, possuíam condições de produzir filmes e exportá-los, o que acabou levando a uma universalização do olhar ianque. Juntamente com o domínio hollywoodiano sobre o mercado cinematográfico internacional, é válido citar o surgimento, na virada da década de 1920 para a de 1930, dos filmes falados, bem como o estabelecimento de um modelo de produção industrial –

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UFJF), especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte (UFJF) e mestrandia do Programa de Pós Graduação em Arte, Cultura e Linguagens (UFJF).

conhecido como *studio system* – que, pautado por preceitos capitalistas, se assemelhava ao visto nas fábricas do país. Somados, esses três fatores foram os responsáveis pelo advento da era dos grandes estúdios de cinema.

Ocorre, dessa maneira, uma setorização durante o processo de produção fílmica. Os procedimentos, que antes se achavam centralizados nas mãos dos diretores, passaram por uma especialização em departamentos, com características semelhantes às linhas de montagem. Neste contexto, os estúdios não eram responsáveis apenas pela produção dos filmes, mas também pela sua distribuição e exibição. A base da estrutura bem sucedida desse sistema estava, segundo Cristina Meneguello (1992), fundamentada na promoção dos longas através da figura das estrelas. Este processo que reproduz os grandes atores e atrizes do cinema como o principal produto para a venda dos filmes ficou conhecido por *star system*.

O *star system* surgiu entre os anos de 1913 e 1919, momento no qual a indústria cinematográfica, ao intuir que o público reagia à presença de determinados intérpretes, percebeu que seus produtos poderiam ser comercializados com a exploração da imagem das estrelas, que passaram a ser encaradas como mercadorias – fabricáveis. Edgar Morin (1980) ressalta o papel do artista como produto, haja vista que o *star system* transforma até mesmo a sua vida privada em objeto dotado de valor comercial e publicitário.

Os investimentos e as técnicas de racionalização do sistema fazem da estrela um artigo destinado ao consumo das massas, uma vez que a sua difusão, em larga escala, é assegurada por veículos de comunicação modernos, como, por exemplo, imprensa, rádio e, nesta discussão, o cinema. Portanto, a “estrela é simultaneamente mercadoria de série, objeto de luxo e capital fonte de valor” (MORIN, 1980, p.81).

Dentro deste contexto, as estrelas têm suas imagens moldadas para se enquadrar em arquétipos. As suas faces, corpos, roupas e comportamentos são construídos pelos estúdios. Logo, são transformadas em produtos a serem consumidos pelos espectadores, através dos mecanismos de projeção e identificação previstos por Morin (2009). Assim, é importante destacar uma predominância feminina dentro do *star system*, ou seja, ainda que haja atores

moldados em mitos<sup>2</sup> e heróis pelos filmes hollywoodianos, as atrizes são mais mitificadas pelo estrelato.

### **Erotismo, sexualidade e indumentária**

Ao analisar a construção imagética das estrelas em duas importantes revistas de fãs<sup>3</sup> brasileiras, em sua dissertação intitulada *A crítica cinematográfica e o star system nas revistas de fãs: A Cena Muda e Cinelândia (1952-1955)*, Margarida Maria Adamatti (2008) avalia que o erotismo se estabelece como um dos principais atributos explorados pelo *star system*. Segundo Laura Mulvey (1983), a erotização dos corpos de celebridades pode ser explicada através do prazer visual, um conceito utilizado para descrever como Hollywood estruturou a sua cinematografia por meio dos códigos de uma linguagem patriarcal dominante. Conforme a autora, existem duas formas em que isto acontece: a primeira é o prazer em observar outra pessoa como um objeto de estímulo de olhar, enquanto a segunda se constrói no narcisismo que se identifica com a imagem vista. Dentro deste contexto, as mulheres se tornam signos de sexualidade convertidas em imagens ao se tornarem, simultaneamente, objeto erótico para os personagens na tela e para o espectador.

Num mundo governado por um desequilíbrio sexual, o olhar foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta a sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicional exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de “para-ser-olhada” (MULVEY, 1983, p.444).

A respeito da erotização feminina, Jennifer Craik (1993) declara que as mulheres aprenderam a gerir os componentes corporais internos e externos de

---

<sup>2</sup> É importante ressaltar que aqui falamos de mito como um conjunto de condutas e situações imaginárias onde os protagonistas são personagens sobre-humanas, heróis ou deuses. Dessa forma a estrela como mito é entendida pelo processo de divinização do cinema que a transforma em um ídolo para seus espectadores (MORIN, 1980).

<sup>3</sup> As revistas de fãs eram publicações especializadas em cinema alimentadas pelos grandes estúdios hollywoodianos que forneciam entrevistas, reportagens, fofocas e fotografias sobre os bastidores de suas produções, como forma de fortalecer o *star system* e o *studio system* (MENEGUELLO, 1992).

forma que estes se tornem 'femininos'. Joanne Entwistle (2002b) completa ao dizer que a cultura ocidental infunde muito significado sexual ao corpo das mulheres e, portanto, elas são conscientes do poder da indumentária, que pode ressaltar o seu atrativo, como aliada sexual. Porém, isto não é resultado de uma identidade natural da feminilidade, e sim de uma série de associações culturais que tendem a enxergar as mulheres mais próximas da sexualidade do que os homens.

Para entender melhor a relação entre erotismo, indumentária e feminilidade, é preciso, primeiro, compreender os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, uma vez que devido ao senso comum heterossexual estes termos se mesclam.

O sexo é determinado biologicamente enquanto o gênero é arbitrário, fruto de uma construção cultural. Porém, muitas vezes, esta dicotomia acaba se complicando devido a sua associação à sexualidade. Esta também é resultado de uma construção cultural e está relacionada com o erotismo, a fantasia e o desejo, independentemente do ato sexual ou das necessidades reprodutoras (ENTWISTLE, 2002a, 2002b).

A partir deste esclarecimento, Entwistle (2002a) ressalta que nossas concepções de feminilidade e masculinidade não estão associadas apenas ao sexo biológico, mas também à construção cultural de sexualidade. Pode-se afirmar, portanto, que existe uma relação entre os códigos de vestimenta e os conceitos do que é considerado feminino e masculino. Logo, a indumentária não expressa somente as diferenciações de sexo, ela pode anunciar também construções de gênero e sexualidade.

A indumentária é um aspecto da cultura, é uma característica vital na criação da masculinidade e da feminilidade: transforma a natureza em cultura ao impor significados culturais sobre o corpo. Não existe uma relação natural entre uma peça de vestuário com a feminilidade e a masculinidade. Em seu lugar, existe sim um conjunto arbitrário de associações que são específicas de uma cultura (ENTWISTLE, 2002a, p.165).

Dentro deste contexto, infere-se que o corpo vestido, muitas vezes, possui maior carga erótica que a nudez. Os adornos adicionam conotações sexuais aos indivíduos que antes estariam ausentes. De acordo com Entwistle

(2002b), isto ocorre porque as roupas adicionam mistério aos corpos, deixando-os mais provocativos. Dessa forma, a partir do momento em que a imaginação é um componente da sexualidade, as vestes, ao manterem o corpo oculto, podem estimular a fantasia e, conseqüentemente, o desejo sexual. Assim, a indumentária associa-se ao erotismo.

Conforme observado por Craik (1993), a lingerie é um dos principais exemplos da conexão entre indumentária e erotismo. Foi durante o século XIX que a roupa íntima começou a adquirir esta conotação. Com a imposição da moral vitoriana, a imagem da mulher contida e respeitável contrastava com as elaboradas e decoradas roupas íntimas femininas. Isto denotava um embate entre a imagem de respeitabilidade pública e os prazeres privados da mulher deste período. O *corset* demonstra, de forma clara, esta dicotomia. O espartilho destacava, simultaneamente, os impulsos morais e os eróticos. Conseqüentemente, apesar da peça ter desaparecido gradualmente durante o início do século XX, ela conservou o seu poder erótico e é um dos principais objetos fetichistas atualmente (ENTWISTLE, 2002b).

### **O erotismo e seus códigos no *star system***

As estrelas, ao serem moldadas pelos grandes estúdios hollywoodianos, passam a ter as suas imagens reproduzidas dentro de claros padrões estabelecidos pelo mercado cinematográfico. Dentro deste cenário, Morin (2009) observa que o modelo feminino desenvolvido pelo cinema é pautado no amor e na sedução.

Assim, o teórico avalia que a imagem disseminada pelos estúdios é a da 'boneca do amor', na qual a maquiagem, bem como as roupas e os adornos, também apresentam significados relacionados à sedução:

As publicidades, os conselhos estão orientados de modo bastante para os caracteres sexuais secundários (cabelos, peitos, boca, olhos), para os atributos erógenos (roupas de baixo, vestidos, enfeites), para um ideal de beleza delgado, esbelto – quadris, ancas, pernas. A boca perpetuamente sangrenta, o rosto pintado seguindo um ritual são um convite permanente a esse delírio sagrado de amor que embota,

evidentemente, a multiplicidade quotidiana do estímulo (MORIN, 2009, p.141).

Conforme este modelo feminino voltado para o amor e a sedução, o erotismo é um dos principais atributos explorados pelos estúdios na construção imagética das estrelas. Portanto, não basta que as atrizes sejam belas e dotadas de talento, possuir *sex appeal* também é essencial. Porém, é importante lembrar que há uma diferença no grau de erotização no que se refere ao papel interpretado. As *vamps*, por exemplo, aparecem com carga erótica maior que as mocinhas ingênuas, geralmente protagonistas dos filmes (ADAMATTI, 2008).

No que se refere à indumentária usada pelas estrelas para representação do erotismo, Adamatti (2008) observa que grande parte das imagens veiculadas pelo *star system* mostravam as atrizes em maiôs. Segundo a autora, estas peças aparecem com mais frequência sendo usadas pelas estrelas do que casacos de pele e longos vestidos, que caracterizam uma forma de sexualização chamada de erotização via glamour<sup>4</sup>.

Primeiramente usadas por pudor em meados do século XIX, pico da decência moral, as roupas de banho cobriam quase toda a pele e, com o tempo, foram passando por um afrouxamento do recato, que, aos poucos, permitia uma maior revelação do corpo. Com as mudanças ocorridas no feitio das peças, houve a preocupação de agregar detalhes que remetessem a feminilidade às roupas de banho. Logo, tais modificações passaram a destacar os atributos sexuais relacionados às peças. 'A proximidade destas roupas com o corpo e a maneira na qual estas peças atraem atenção para características sexuais, impregnou as roupas de banho com tensão sexual (ou frisson). Porém, roupas reveladoras não denotam, automaticamente, mais liberdade' (CRAIK, 1993, p.148).

Assim, podemos inferir que as roupas de banho exercem o mesmo poder sugestivo das roupas íntimas, pois, ao mesmo tempo em que cobrem o nu, deixam grande parte do corpo descoberto e ressaltam os atributos eróticos

---

<sup>4</sup> Aqui, o termo glamour é utilizado para definir uma qualidade especial que pode causar fascinação, deslumbramento ou encantamento, já que transmite status, prestígio e beleza (ADAMATTI, 2008).

femininos. Porém, como elas são usadas em esfera pública, diferentemente da lingerie, não possuem o fetichismo presente nas peças íntimas.

Figuras 1: Capa da revista Scena Muda edição nº32 de 1950 que exemplifica o uso do maiô como forma de erotização da estrela. Fonte: Biblioteca Digital das Artes do Espetáculo, *online*. Disponível em: <http://bjksdigital.museysegall.org.br/>. Acesso em: 22 fev.2016



Figuras 2: Capa da revista Scena Muda edição nº3 de 1950 como exemplo de erotização da estrela via roupa de banho. Fonte: Biblioteca Digital das Artes do Espetáculo, *online*. Disponível em: <http://bjksdigital.museysegall.org.br/>. Acesso em: 22 fev.2016



Além dos adornos, os gestos e objetos ajudam nesta construção erotizada da mulher. Cristina Meneguello (1996), em sua obra *Poeira das*

estrelas, faz uma análise do cinema norte-americano na mídia brasileira e percebe que esta sexualização de objetos ocorre no cenário de instituição do Código Hayes de Censura em Hollywood, na década de 1930, para controlar a considerada crescente imoralidade dos filmes e da vida privada dos astros. Portanto, os estúdios recorreram ao poder de sugestão e à erotização de acessórios utilizados em cena. Um dos principais representantes foi o cigarro, que, nas mãos das atrizes, eram marca de chame e sinalização de mulheres 'liberadas'. Morin (1980) completa que, além do cigarro, o gesto de beber também é carregado de erotismo e traz o mesmo objetivo do fumo: sedução e conquista.

Através destes exemplos, é possível notar como a indumentária possui um importante papel na construção imagética feminina no estrelismo no que se refere ao caráter erótico. Assim, as imagens disseminadas pelos estúdios cinematográficos hollywoodianos constroem as suas estrelas não somente baseadas em padrões comportamentais, mas também em tipificações visuais pautadas nestes códigos de sexualidade e erotismo, traduzidos através de roupas e adornos utilizados por suas atrizes.

Figura 3: Exemplo de cigarro sinalizando erotismo retirado da capa da revista *A Scena Muda*, número 632 de 1933. Fonte: Biblioteca Digital das Artes do Espetáculo, *online*. Disponível em: <http://bjksdigital.museysegall.org.br/>. Acesso em: 22 fev.2016





## Considerações finais

Após compreendermos os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, foi possível inferir como o erotismo está associado à indumentária. Assim, ao entender que o gênero e a sexualidade são construções culturais, pudemos observar que as roupas e adornos podem construir imagens de feminilidade ou masculinidade, expressar uma identidade sexual ou sinalizar um ato erótico. Dessa forma, ao perceber como o *star system* molda as suas estrelas para representarem um arquétipo feminino relacionado ao amor e à sedução, pode-se perceber como as atrizes do estrelismo norte-americano precisam se enquadrar num padrão erótico, tendo seu corpo sexualizado dentro de certos códigos de erotismo.

Estes códigos eróticos trabalhos por Hollywood para sexualizar as suas atrizes se referem ao uso de certas peças de roupa, como os maiôs e biquínis, e certos objetos e gestos, como o ato de fumar ou beber, que, conforme concluímos, por terem associação com o erotismo, simbolizam a conquista e a sedução, pois possuem poder sugestivo e imaginativo.

## Referências bibliográficas

ADAMATTI, Margarida Maria. A crítica cinematográfica e o *star system* nas revistas de fãs: A Cena Muda e Cinelândia (1952 – 1955). Dissertação (Mestrado em Estudos do Meio e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRAIK, Jennifer. States of undress: lingerie to swimwear. In: The face of fashion: cultural studies in fashion. London/New York: Routledge, 1993.

ENTWISTLE, Joanne. Moda y gênero. In: El cuerpo y la moda. Barcelona: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. Moda, adorno y sexualidad. In: El cuerpo y la moda. Barcelona: Paidós, 2002.

MENEGUELLO, Cristina. Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano da mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MORIN, Edgar. As estrelas de cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

*12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional*  
*3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda 2016*